

«Para mim, o Algarve é verdadeira terra de feitiço... Onde apetece sempre voltar e onde, às vezes, me apetece ficar para remédio do corpo e do espírito».

ARTUR AGOSTINHO

(Avença)

A Voz do Alentejo

Biblioteca Publica

LISBOA



ANO X N.º 252

MAIO — 20

1 9 6 2

QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIAO
Tel. 154 — R. Tenente Valadim, 30 — FARO

DIRECTOR
Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETARIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Tel. 216 — R. da Carreira, 42-44 — LOULÉ

MALES DO NOSSO TEMPO

Pelo Dr. Francisco Bota Inês

Não é nosso mister, nestes breves e despretensiosos apontamentos, fazer política, nem sequer definir posições ideológicas.

Tão pouco nos confessamos apolíticos. Isso seria negar a própria condição do homem, ser pensante por excelência.

Aquele, ainda pequena, experiência, que porventura tenhamos aprendido da lição quotidiana da Vida, faz-nos acreditar mais nos homens de boa vontade, que em credos políticos, quer estes provenham de ocidente ou de oriente, de norte ou de sul. Para estes, na sua quase totalidade, qualquer caminho lhes serve, desde que os conduza a determinado fim! Aqueles, vão pelo caminho da honra, da dignidade, quantas vezes mesmo pelo da abnegação... tantas vezes mal compreendido! Acabam, é certo, por ficar quase sempre a meio caminho. Mas ficam de cabeça erguida, olhando bem de frente o mundo, sem nada precisar de lhe esconder.

É já lugar comum, condição suficiente, necessária até, quem sabe (?), para continuar de pé na luta pela vida, cada vez mais ardilosa e covarde, dura e inglória, ter de se mendigar servilmente uma milagrosa protecção. E isto para aqueles a quem, honra lhes seja, ainda repugna trilhar os tortuosos caminhos da desonestidade.

Servilismo por um lado, despotismo pelo outro, são factos assentes, consumados, não têm até mais discussão para alguns.

Haverá hoje, quem tenha conseguido os seus desígnios, quem se tenha guindado a lugares, muito embora estes lhes pertençam por direito, só por méritos próprios?

Haverá hoje, quem ingenuamente, ouse pedir audiência aos grandes senhores com o seu próprio cartão de visita?

Haverá hoje, quem não tenha visto a sua verdade ofuscada pela mentira de outrem?

Com uma boa dose de benevolência, talvez consigamos encontrar alguém...

É com profunda tristeza que constatamos não haver sector da vida humana, por mais ínfimo e restrito, aonde as sementes do mal e da mentira não tenham germinado e não tenham proliferado com insólita indiferença e orgulho.

Mal dos nossos tempos... eis a justificação em voga, a mais cómoda por certo, de aqueles que definem a sua posição num estéril encolher de ombros, ou porque não querem meter foice em seara alheia, ou ainda com o receio de ferir susceptibilidade. Sendo um mal dos nossos tempos, uma realidade dos nossos dias, não temos o direito de paulatino

(Continuação na 2.ª página)

Respeitar o Turista também é Turismo

Por Helder Martins da Cruz

Por todo o Algarve, ressoa o contentamento dos algarvios pelo passo em frente dado com a notícia da construção para já do aeroporto — o tão desejado poiso para passáros grandes como diz a mais candida das crianças.

O caso rondou toda a província, abriu-se na assembleia máxima da nação e todos se debruçaram dando o seu acórdio — era um erro crasso que estava a corporizar-se e a barricar o progresso do nosso Algarve. As estatísticas do futuro dirão.

Devemos antes de mais, homenagear os homens que se bateram por esta jornada e por todas as outras de carácter turístico que estão em evolução.

Escrevo esta resenha a propósito dos ensaios últimos que se estão a fazer para a próxima campanha balnear que segundo consta será a melhor de sempre; No entanto diga-se que o proble-

FOI EXTRAORDINARIAMENTE

CONCORRIDA A FESTA!

em honra de N. SENHORA DA PIEDADE

A festa que tradicionalmente se realiza na nossa vila em honra de Nossa Senhora da Piedade, revestiu-se também este ano de excepcional brilhantismo e de uma afluência de forasteiros verdadeiramente extraordinária.

É uma festa que apesar de tudo continua conservando um tradicionalismo que tem em afirmar-se impar não só no Algarve, mas também em todo o País. E os louletanos de hoje sentem a mesma devoção pela «Mãe Soberana» que sentiam os seus avós, de tal modo se arreigou no

seu espírito uma festa que a todos faz vibrar de fé.

«Mãe Soberana» é dos quadros que não esquecem. E bem a palavra Mãe tão querida e solene, a dar-nos a soberania da sua religiosidade, que domina a crença algarvia desde o litoral até ao serraceno desde o estendal de rendas que o mar franja pela costa, à arrogância orográfica do Caldeirão, Monchique e Mértola.

«Mãe Soberana» é uma frase simples, sem excelência litúrgica na voz do povo. E Mãe, e nada mais pode sobrepor-se a doçura e ao enlevo do trato — Mãe! Tão simples na sua parameção de oiros e azuis. Ela impõe-se à adoração das gentes do Algarve — é bem a Nossa Senhora de Fátima do rincão algarvio.

Milhares de devotos acorrem

(Continuação na 2.ª página)

Resposta a uma Carta

1. — No n.º 265 de o «Jornal do Algarve», de 21 de Abril passado, veio publicada uma carta, assinada por José Alves Passos que se diz «algarvio e do concelho de Loulé e ex-funcionário do S. N. I.», cujo arrazoado, algo longo, não torna prática a sua transcrição integral. Por isso, nos permitimos fazê-lo com relação às seguintes passagens:

«Ora a C. M. de Loulé ao conceder a licença de obras (de mais a mais para um local de especial interesse turístico — vide § 2.º do já mencionado artigo 3.º) sem previamente obter o parecer dos serviços de turismo do S. N. I. acerca do respectivo projecto, deixou de cumprir o que legalmente está estatuído, excedendo as suas prerrogativas.

Deste procedimento da entidade a quem cabe administrar e zelar pelos interesses do concelho, resultaram prejuízos, repetimos, tanto para o interessado como para o turismo da região com os relativos reflexos no turismo nacional. Se não, vejamos: se a C. M. L. tem remetido ao S. N. I. o projecto de

obras na devida oportunidade, como lhe competia, os Serviços de Turismo indicariam à Câmara as alterações convenientes e esta por sua vez é que as impunha ao interessado, só lhe concedendo a licença de obras quando tudo estivesse regularizado; todos os problemas surgiram e deveriam ser solucionados nessa altura e não depois de estarem gastas uma largas centenas de contos.

Se assim se houvesse procedido, e para tanto bastaria ter-se cumprido a lei, estou certo que a praia de Quarteira já dispunha hoje de um condigno estabelecimento hoteleiro em funcionamento e além disso, que é muito, ter-se-ia evitado:

1.º — O agravamento do custo da obra, originado por algumas inevitáveis alterações tendentes a corrigir deficiências funcionais em partes já construídas, num desperdício económico que a ninguém aproveitou mas alguém teve de suportar;

2.º — O incompleto aproveitamento do espírito de iniciativa e das possibilidades económicas de um homem que poderia, com o mesmo, ou talvez com menos dinheiro, mas com uma orientação adequada na altura própria, ter construído um razoável hotel de 2.ª classe e não um estabelecimento de características indefinidas, com nível de hotel nalguns aspectos, mas de manifesta insuficiência nalgumas zonas de uso comum dos hóspedes e especialmente nas de serviço.

(Continuação na 2.ª página)

O Rancho Folclórico de Alte

EXIBE-SE HOJE EM LOULÉ

Integrado nas Festas Comemorativas do 86.º Aniversário da Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva, de Loulé, realiza-se esta noite, pelas 22 horas, um sensacional Baile, nos intervalos do qual se exibirá o RANCHO FOLCLÓRICO de ALTE.

Quase temos a certeza que mais uma vez os seus TÍPICOS BAILADOS e CANTARES constituirão um retumbante êxito, a somar aos muitos já obtidos tanto no País como no estrangeiro.

É que o «BAILE MANDADO», os «CORRIDINHOS», os «BAILES DE RODA», a «TI ANICA» e tantos outros números do seu vasto repertório, pelo colorido e animação de que se revestem, encantam e entusiasman sempre qualquer assistência, por mais exigente que seja.

Estão, pois, de parabéns não só os organizadores desta iniciativa, levada a efeito com o louvável objectivo de angariar fundos para a compra de novos FARDAMENTOS e novo ESTANDARTE para a Filarmónica Artistas de Minerva, como também todos os que, logo à noite, vão certamente encher o amplo salão da BOA VISTA e tributar as suas entusiásticas ovações ao RANCHO FOLCLÓRICO de ALTE numa calorosa saudação aos admiráveis intérpretes do folclore da nossa terra que tão gentilmente souberam corresponder a esta iniciativa.

Candidatos à Academia Militar

Por intermédio do Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 4, em Faro, avisam-se os civis interessados em concorrer este ano à Academia Militar que podem, se o desejarem, ser submetidos a um exame médico de orientação destinado a esclarecer os candidatos sobre quais as lesões ou deficiências que constituam causa definitiva de rejeição ou que possam ser corrigidas até à realização do concurso de admissão. Estes exames efectuem-se durante o mês de Maio decorrente, nos Hospitais Militares Regionais (no caso do Algarve, em Évora).

Noite de Centro e Poesia na Casa do Algarve

Foram calorosamente aplaudidos os jovens artistas que trabalharam na Casa do Algarve na noite de 28 de Abril.

A noite de teatro e poesia, que um grupo de rapazes e raparigas dedicou aos sócios da nossa agremiação regionalista, resultou num serão de arte de muita distinção, digno dos mais elevados elogios, pelo nível da sua apresentação e esmero do seu desempenho. Como gesto de gratidão é justo salientar aqui os nomes desses dedicados cultores da nobre arte de representar: Adelaide João, Angela Ribeiro, João Abrantes, Ruy de Matos, Alexandre Passos e Santos Manuel.

Comemorações do cinquentenário DA ELEVAÇÃO do Liceu de Faro a Central

Um grupo de antigos alunos dos primeiros 6.º e 7.º anos do Liceu de Faro, a que se associou o actual Reitor, sr. Dr. José Ascenso, comemorou, em 25 do mês findo o cinquentenário da elevação do dito Liceu a Central, com troca de saudações, na reitoria; missa na Sé Catedral, sufragando a alma dos antigos alunos falecidos, e almoço de confraternização, no restaurante «As Duas Sentinelas», na estrada de

(Continuação na 3.ª página)

INSTITUTO D. Francisco Gomes (Casa dos Rapazes) COMUNICADO

A Direcção tem o gosto de tornar do conhecimento geral a recepção das seguintes ofertas: Do Sr. Comandante da Polícia de Segurança Pública de Faro, 105 pães de 1/2 quilo, cada; Do Sr. João Pinto Dias Pires, de Faro, 1 barco de recreio, para ser sorteado; Do Sr. Antó-

(Continuação na 3.ª página)

Ao correr da Pena...

NOSSA SENHORA DA PIEDADE

Fomos, há dias, de visita à ermida de Nossa Senhora da Piedade. Saimos da vila a pé e, pelo caminho, admirámos a bela paisagem que até aos horizontes natura nos oferece, desde o rumor das águas correntes às gradações do verde, desde o azul da céu ao azul do mar longínquo, desde o voo das andorinhas às estáticas árvores adormecidas, ao sol, nas curvaturas dos montes.

Iniciámos a subida da íngreme ladeira que nos leva ao santuário, inspirando fundo, despedindo-nos de idelas melsãs, lembrando-nos de Júlio Dinis, nos seus versos: «Se estás mais perto do céu / Nestas alturas da serra...»

Pelas paredes brancas que la-deiam o caminho, segos lemos as preces, os desejos, os pedidos

JARDIM-ESCOLA João de Deus em FARO

A Comissão do Jardim-Escola João de Deus em Faro, que funciona na Casa do Algarve, está activando as suas diligências para que se possa dar início, quanto antes, à construção do projectado Jardim-Escola. Inscreveram-se mais os seguintes subscritores de Faro, a favor da iniciativa: Banco do Algarve, com 100\$00; srs. José Alexandre da Fonseca, D. Oliveira e Silva, Dr. Justino da Silva Ramos, A. Vaz Velho e Mealha de Gusmão, Lda., com 50\$00 cada.

que variados romeiros têm escrito em imploração a Nossa Senhora, sentidos, julgamos nós, pelas palavras que lá se encontram.

Chegámos, assim, ao alto do monte onde se edificou a igreja. Nela entramos. E aqui é que nos doeu, na alma, quanto não podemos calar. Os desejos formulados a Nossa Senhora nos muros do caminho encontrámo-los nas paredes interiores da capela. Exactamente. Escritos sobre as pinturas murais ali existentes e tal facto parece-nos um sacrilégio.

Que se peça a Nossa Senhora está muito bem; que se escreva pelas paredes do trajecto, vá que não vá (duas pinceladas de cal limpa o lápis facilmente); mas que se escreva nos murais da ermida, não!

Uma igreja é um templo e, como tal, é sagrado; estragar-se uma pintura mural que se não recompõe tão facilmente como a calação dum muro, é profanação.

Escrevam-se os nossos desejos, as nossas preces a Nossa Senhora, numa folha de papel, e deixemos esta a Seus pés. ELA atenderá, de igual modo, nas nossas dores e nas nossas aflições e não vamos danificar-Lhe o que, por outro lado, veneramos: — a ermida onde repousa a Sua radiosa Imagem.

A HIGIENE NO LEITE

O leite é um líquido que se altera com bastante facilidade. Daí a necessidade existente de o manter no mais escrupuloso estado de higiene, desde o momento da extracção até ao momento de ser bebido. Recomendamos, mesmo,

(Continuação na 2.ª página)



A ACTIVIDADE DO GRUPO DE TEATRO DO CIRCULO

Por mais duma vez nos temos referido nestas colunas à modesta actividade desenvolvida pelo Grupo de Teatro do Circulo Cultural do Algarve — conjunto amador de prestigiosa presença no panorama cénico português.

Tendo actuado em Olhão, em espectáculo comemorativo do VII Aniversário do Clube Desportivo «Os Olhanenses», no último dia 5, o mesmo elenco voltou a actuar em Faro no passado domingo. Serviu este espectáculo para homenagear o mais antigo amador teatral algarvio, em actividade — António Jorge. Bem merecida foi esta consagração, a quem, como o conhecido amador portimonense, vem dedicando mais de 40 anos da sua vida ao teatro. António Jorge, que ofereceu à assistência uma curiosa interpretação do monólogo de Tchekov — «Os Malefícios do

Tabaco», sentiu bem o caminho e a amizade que os amadores farenses lhe tributam.

Prosseguindo a sua actividade, superiormente orientada pelo sempre dedicado e sábio director-artístico do Grupo — Dr. Emílio Coroa, e a despeito de não ser possível a apresentação da peça «A visita da velha Senhora», por a mesma ser um exclusivo da Companhia do Teatro Nacional D. Maria II, ensaiam agora: «Frei Luís de Sousa», de Almeida Garrett e «Doente de Cisma», de Molière, com vista ao próximo concurso de Arte Dramática.

«O Luge» — conhecida peça da moderna dramaturgia portuguesa, vai ser objectivo de encenação do Grupo de Teatro do Circulo Cultural do Algarve, que a pensa apresentar no magnífico cenário natural da doca, em Faro.

Uma outra notícia, merece (Continuação na 3.ª página)

Resposta a uma Carta

(Continuação da 1.ª página)

Donde se conclui que a Câmara, recusando ou retardando a cedência, por troca, do tão mal-fadado caminho — parece que sem interesse para a futura urbanização do local — indispensável, pela sua situação, ao alargamento das zonas de serviço do estabelecimento, nomeadamente cozinha e lavandaria, está a agravar os prejuízos já causados pelo seu erro anterior. E paradoxalmente ainda pretende, segundo consta, que o interessado — a maior vítima — lhe peça desculpas!!!

2. — Eis o libelo, epistológrafo, que o senhor José Alves Passos intenta à Câmara de Loulé, pelos prejuízos causados ao senhor Isidoro Martins dos Santos, município por quem terça armas.

São eles:

1.º — Não ter submetido a aprovação do projecto aos serviços de turismo;

2.º — Recusar ou retardar a cedência, por troca, do caminho público que confina com a construção.

Se bem entendemos são estas as suas pedras angulares.

3.º — Posta a questão, atentos nos factos:

No pretérito dia 22 de Fevereiro de 1960, assinado pelo industrial em questão, deu entrada na Câmara o seguinte requerimento:

«... desejando proceder à construção de um edifício destinado a Pavilhão de Quartos e de acordo com o projecto junto, vem mim respectivamente rogar a V. Ex.ª se digne passar as respectivas licenças de construção...».

4.º — Presidência aos destinos da Câmara, ao tempo, o distinto louletano e homem de bem, senhor Francisco Guerreiro Barros que ao problema em questão dedicou toda a sua boa vontade e inteligência, em ordem a encontrar-se solução justa e legal que, salvaguardando os interesses da Terra e do interessado, não merecesse reparo honesto.

Se a memória nos não trai, um dos óbices a resolver era o de saber se se encontrava aprovado ou não — isto é, se tinha existência legal — o Antepiano de Urbanização de Quarteira.

Na verdade, se se encontrava aprovado, a pretensão do interessado era inviável em virtude do local estar destinado a outro fim. Se não, o requerimento podia ser deferido.

Debruçou-se o Presidente sobre a hipótese, tendo concluído que o mencionado antepiano não se encontrava aprovado na zona em apreço, por razões que a Câmara aceitou e, naturalmente, não enjeita.

Cumprir esclarecer mais que esta, em demorada e ponderada análise da situação de facto, com particular saliência do interesse para a praça e região, mingua de obras e de espíritos de iniciativa votados a tal escopo e, escutantes razões do referido industrial, chegou à conclusão unânime, que se devia atender.

Se errar é humano — não se repellido que tal tivesse acontecido — a verdade é que há algo de mais chocante, como seja o pretender atirar com o manto da culpa para as costas de quem agiu na melhor das intenções e atendeu os motivos do interessado, embora estes, em abono da verdade, não tivessem sido decisivos.

A Câmara, esta e outras, ao deliberar, usa nortear-se por razões de oportunidade e conveniência. Se tudo corre pelo melhor, limitou-se a cumprir o seu dever. Se assim não é, atropela a Lei ou, não sabem o que fazem os seus componentes!

Sinal dos tempos...

A luz de razões de ordem moral poderá assim pôr-se o problema sem trair os factos e elementos equacionados na proba de liberação.

5.º — Reza o seguinte o art.º 4.º da Lei n.º 2073, de 23-12-1954 — não de 1945, como se lê na carta —:

«As licenças para a construção, ampliação ou adaptação de qualquer edifício, ou parte dele, com destino a estabelecimento hoteleiro ou similar até 2.ª classe, só poderão ser concedidas depois de aprovado o respectivo projecto pelos serviços de turismo, entendendo-se que esta aprovação abrange a designação e classificação de estabelecimento...».

Ora, o interessado requereu à Câmara licença de construção para um «Pavilhão de Quartos».

Ao pretender enquadrar-se o facto na previsão geral e abstracta do texto legal, pela mente de quem pretendia conceder a permissão a dúvida se a dita obra se encontrava abrangida pela letra ou espírito daquela disposição legal.

Aconteceu mesmo que, a dúvida sobre a obrigação de enviar o processo aos serviços de turismo foi oportunamente comunicada ao interessado que ficou a

saber, desde logo, o risco da satisfação do seu pedido apesar da autorização municipal.

E, a verdade é que, não obstante as afirmações peremptórias contidas na carta do senhor José Alves Passos, essas dúvidas ainda hoje subsistem, pelo menos no nosso espírito, em caso de Pavilhão de Quartos...

Como vê, senhor José Alves Passos, se alguma moral há a colher, não andará longe da mais que velha máxima:

«Por bem fazer, mal haver!»

Enfrentemos a segunda parte da acusação, não sem vincarmos a convicção de ficar reduzida às devidas proporções o reparo, que ousamos demasiado ligeiro, do senhor em questão no tocante ao «erro» e «omissão» do cumprimento da Lei» por parte deste Município.

6.º — Vejamos o caso do caminho:

Apresentado o falado projecto, dada a proximidade daquele e, com vista a prevenir equívocos, foi salientado ao requerente — coisa aliás desnecessária — que não ocupasse o seu leito por o mesmo se encontrar afectado ao uso público, não podendo a Câmara deliberar a respeito sem se determinar pelo condicionalismo legal, bem presente pois, pouco antes, tivera que enfrentar recurso administrativo por, em pouco remota conjuntura, se haver sobreposto a boa vontade ao que legalmente estava e está preceituado.

Todavia aconteceu que, chegou ao conhecimento, pelo menos de alguns componentes da Câmara, que o dito requerente começara... por se servir do leito do caminho para aí construir fossas!

Embora se reconheça que tal via não terá importância de primeira, o certo é que se cruzar os braços perante «factos consumados», como o epígráfico, de hoje para amanhã cada qual passará a construir sobre terreno do domínio público, atingindo-se o caos e a anarquia.

O senhor José Alves Passos, porventura imaginou as consequências que adviriam se a Câmara ousasse agir com o rigor seco da Lei perante tal ocupação?

Já pensou na situação criada por tal precedente?

Medite, com a isenção possível, para poder ajuizar das dificuldades que a Câmara tem que enfrentar.

O manto, descrecionista e antipático, não se ajusta à conduta seguida perante o abuso verificado, pese a quem não queira ver com olhos imparciais e desapassionados.

Mas, adiante:

7.º — Mais uma vez e, vencendo as razões vulgares, tentou a Câmara solução ditada pelos superiores interesses do burgo, sem curar de atitudes, desnecessariamente menos elegantes, repellido da deliberações extremas e dar remédio legal, ajustado ao interesse particular sem prejuízo da municipal.

O requerente ofereceu o terreno fronteiro à unidade industrial para arruamento mas, quando avisado para desobstruir o caminho, assim fez, contudo com a represália do entaipamento daquela!

Por outro lado, arroga-se um terceiro a direito de acesso ao caminho em virtude de ter porta que para ele deita, directamente.

O dito requerente, mudando entretanto de opinião, retirou a oferta.

Perante tais dificuldades, evitáveis, em nosso parecer, tem sido difícil e moroso encontrar-se solução à altura dos interesses gerais e que a lei não condene.

Se, a tal vontade é oposta resistência, algo afrontosa em certos aspectos, como agir?

Não podem nem querem os componentes desta Câmara «desculpas» de quem quer que seja e muito menos de quem põe a «capa» de «vítima». Querêr tão somente boa vontade e compreensão o que, senhor José Alves Passos, é um pouco diferente!

O respeito e elegância, pelo menos, na medida exacta de conveniente reciprocidade é dever, não usando ser mercê suplicada, por ninguém, inclusivé nesta casa, aonde ocorrem todas as semanas, os componentes da Câmara, sem qualquer vantagem material — bem ao contrário! — dando o melhor do seu saber e boa vontade aos problemas que mais interessam aos outros, em geral.

Já pensou nisto?

8.º — Segundo julgamos saber, há poucos dias, foi sugerida, por via particular, uma solução que mereceu aplauso da pessoa encarregada de zelar pelos interesses do aludido industrial, concedida nos seguintes termos:

Materia o mesmo a oferta do terreno para o arruamento fronteiro à pensão e a Câmara promoveria a desafectação do caminho.

O vosso lar merece O QUE HÁ DE MELHOR



Embeleze-o, torne-o mais acolhedor e atraente com:

Mobiliás novas... modernas... práticas... confortáveis...

Nos estabelecimentos de: **HORÁCIO PINTO GAGO**

Rua Dr. Frutuoso da Silva e Av. José da Costa Mealha — LOULÉ
TERA MUITO POR ONDE ESCOLHER.

De todos os estilos... Para todos os gostos... Para todos os preços... Para todos os fins...

Mesmo por curiosidade, faça hoje mesmo uma visita ao vasto salão de exposições da casa

HORÁCIO PINTO GAGO

As suas exposições, constantemente renovadas, são uma pequena amostra da sua grande existência.

Compre agora e sempre nesta casa.

«A VOZ DE LOULÉ» — N.º 252 — 20-5-962.

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé ANÚNCIO

1.ª PUBLICAÇÃO

No dia DEZOITO do próximo mês de JUNHO, pelas ONZE horas, no Tribunal Judicial desta comarca de Loulé, e nos autos de EXECUÇÃO SUMARIA, que o exequente JOSE FRANCISCO SOARES, casado, industrial e comerciante, residente na Rua Luciano Cordeiro, número quarenta e um, segundo, esquerdo, da cidade e comarca de Lisboa, move contra os executados MANUEL RODRIGUES e mulher MARIA VIEGAS COELHO, que corre seus termos por este Juízo, não-de ser postos em praça pela primeira vez para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor que adiante se indica os seguintes prédios, penhorados aqueles executados:

1.º

Uma courela de terra denominada «Cerro do Mofino» no sítio da Brasileira, freguesia de Salir, desta comarca, descrita na Conservatória do Registo Predial de Loulé, sob o n.º 32.190 a folhas 40 verso, do livro B-oitenta e dois, inscrita na respectiva matriz sob o artigo n.º 14.853, que vai à praça pelo valor de Esc. 2.604\$00.

2.º

Courela de terra de semear e improdutiva com sobreiras e uma azinheira, no sítio do Freixo Seco, mesma freguesia de Salir, descrita na Conservatória do Registo Predial de Loulé sob o n.º 32.106 a folhas 197 do livro B-81, inscrita na respectiva matriz sob o artigo n.º 14.122, que vai à praça pelo valor de 504\$00.

3.º

A nua propriedade de um monte, que se compõe de casas terrenas com três compartimentos e duas dependências e terra de semear com árvores, denominada «Umbria», no mencionado sítio da Brasileira, descrita na Conservatória do Registo Predial de Loulé, sob o n.º 30.706 a folhas 89 verso, do livro B-78, inscrita na matriz predial urbana sob o artigo n.º 1.800 e rústica n.º 4.421, que vai à praça pelo valor de 3.808\$00.

Loulé, 10 de Maio de 1962

O Escrivão de Direito,
Francisco Dias Bragança

Verifiquei

O Juiz de Direito,

José António Carapeto dos Santos

duo que alega prejuízos de montaria?

Ao que nos consta, a culpa não é da Câmara...

Por outro lado, afigura-se que esta não poderá encerrar a desafectação sem, previamente, encontrar solução para o novo caminho.

9.º — Finalizando este também longo arrazoado, trabalho extra que algum prejuízo causou às nossas coisas particulares, já afectadas pelo tempo que lhes tiramos para nos ocuparmos, como podemos e sabemos, da gerência da coisa municipal, não pudemos porém calar a ligeireza do seu comentário e fazer-lhe o presente reparo, informando-o ainda que a moeda corrente na Administração é a honestidade, construtiva e desinteressada.

E, se algumas dúvidas ainda lhe assistirem, poderá certificar-se ao vivo e real com os elementos e informações de que nela dispomos e que não usamos escandor.

10.º — Termina, com o esclarecimento de que não tercel armas por outrém, fi-lo, na condição de vereador da Câmara de Loulé para a qual foi injusto e pouco razoável.

a) Manuel Mendes Gonçalves

«A VOZ DE LOULÉ» — N.º 252 — 20-5-962.

Tribunal Judicial da Comarca de Loulé ANÚNCIO

1.ª PUBLICAÇÃO

No dia DEZANOVE do próximo mês de JUNHO, pelas ONZE horas, no Tribunal Judicial desta comarca de Loulé, e nos autos de EXECUÇÃO SUMARIA, que José Martins Ramos, solteiro, maior, trabalhador, residente no sítio dos Barrigões, freguesia de Salir move contra JOAQUIM FERNANDES CUSTODIO e mulher ALZIRA MARIA FERNANDES, proprietários, residentes em parte incerta, cujo último domicílio conhecido foi no sítio dos Revezes, freguesia de Ameixial, desta comarca, não-de ser postos em praça pela primeira vez para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor que adiante se indica os seguintes prédios, penhorados aqueles executados:

1.º

O direito a metade de um monte que se compõe de casas de habitação com quatro compartimentos, ramada e logradouro, no sítio dos Revezes, freguesia de Ameixial, descrito na Conservatória desta comarca de Loulé, sob o n.º 32.341 a folhas 117 do Liv.º B-82, inscrita na matriz urbana sob os artigos n.º 522 e 552, que vai à praça pelo valor de 120\$60.

2.º

O direito a metade de uma courela de terra de semear, com árvores, no mesmo sítio e freguesia, denominada «Cerro do Cão», descrita na Conservatória do Registo Predial desta comarca, sob o n.º 32.342, a folhas 117 verso do Livro B-82, inscrita na respectiva matriz sob o artigo n.º 278, que vai à praça pelo valor de 12.866\$00.

3.º

Uma courela de terra de semear com árvores no sítio do Vale da Moita, da mesma freguesia, denominada «Courela da Ladeira», descrita na Conservatória do Registo Predial desta comarca, sob o número 32.343, a folhas 118 do Livro B-82, inscrita na matriz sob o artigo rústico n.º 479, que vai à praça pelo valor de 1.162\$00.

4.º

O direito a metade de uma courela de terra com azinheiras, no mesmo sítio e freguesia, denominada «Azinheira da Pega», descrita na Conservatória do Registo Predial desta comarca sob o n.º 32.344, a folhas 118 verso do livro B-82, inscrita na respectiva matriz sob o artigo n.º 443 que vai à praça pelo valor de 1.164\$00.

Loulé, 7 de Maio de 1962

O Escrivão de Direito,
Francisco Dias Bragança

VERIFIQUEI

O Juiz de Direito,

José António Carapeto dos Santos

MOTA

Vende-se uma moto marca «ARIEL».

Tratar no

STAND FAMEL

F A R O

Guarda-Livros

Competente e eficiente, encarrega-se da montagem e seguimento de escritas comerciais ou industriais, em regime livre.

Nesta redacção se informa.

a) Manuel Mendes Gonçalves

CICLISMO

CAMPEONATO DISTRITAL DE INICIADOS

Disputou-se no dia 13 (domingo), num percurso de 50 Kms. entre Faro-Luz de Tavira-Faro, a 3.ª e última prova do Campeonato Distrital de Iniciados, que teve a seguinte classificação:

1.º — Custódio Cristina (Ginásio) 1 10 52; 2.º — Edmundo Bota (Louletano) 1 11 20; 3.º — Zeferino Norte (Ginásio) 1 11 49; 4.º — Paulino Moreira (Atlético) 1 12 02; 5.º — Manuel Cortenholo (Ginásio) 1 12 22; 6.º — Luís Martins (Louletano) 1 13 17; 7.º — Eduardo Viegas (Louletano) 1 13 52; 8.º — Romeu Baptista (Atlético) 1 15 12; 9.º — José Rosa (Ginásio) 1 16 06; 1.º — José Justo (Atlético) 1 17 32; 11.º — António Sardinha (Louletano) 1 17 54; 12.º — Edmundo Vieira (Atlético) 1 18 37; 13.º — Filipe Simão (Louletano) 1 18 56; 14.º — José Gonçalves (Individual) 1 20 10.

No final, os ciclistas ficaram agrupados pela seguinte ordem de classificação final:

1.º — Custódio Cristina (Ginásio) 6 16 03; 2.º — Edmundo Bota (Louletano) 6 16 31; 3.º — Paulino Moreira (Atlético) 6 17 13; 4.º — Manuel Cortenholo (Ginásio) 6 17 33; 5.º — Zeferino Norte (Ginásio) 6 19 03; 6.º — Eduardo Viegas (Louletano) 6 19 21; 7.º — Luís Martins (Louletano) 6 24 06; 8.º — Romeu Baptista (Atlético) 6 32 01; 9.º — José Justo (Atlético) 6 34 30; 10.º — António Sardinha (Louletano) 6 34 30; 11.º — Edmundo Vieira (Atlético) 6 35 08; 12.º — Filipe Simão (Louletano) 6 35 45; 13.º — José Gonçalves (Individual) 6 39 29; 14.º — Dário Pinheiro (Atlético) 5 16 49 (a); 15.º — José Rosa (Ginásio) 5 22 57 (a).

(a) — 2 provas.

Ao correr da pena

(Continuação da 1.ª página)

as autoridades médicas e nutricionistas que deve ser previamente pasteurizado.

Por tal motivo nos repugna saber que, em certos estábulos existentes na vila, as condições higiénicas, já por si, são deficientes, aliadas ainda ao pouco cuidado de quem por elas olha, a mais das vezes sem aqueles conhecimentos mínimos de como se deve tratar da saúde alheia (o que não admira, contudo, porque da própria não sabem cuidar).

Já vimos estravar o leite de uma para outra vasilha, no preciso momento em que, pelo local, outra pessoa passava com uma forquilha carregada com detritos de vacaria. Ora isto não está certo. Isto não é higiénico.

As medidas de que se mune o pessoal distribuidor do leite, andam encerradas num recipiente de alumínio, certamente para as resguardar de maiores contactos com o meio ambiente. Sendo assim, não compreendemos porque motivo deixam tais vasilhas em qualquer parte, muitas vezes no chão onde se acumula toda a espécie de porcaria. Isto não está bem.

O leite que bebemos tem de ser, higiénicamente, tão puro quanto possível.

Vamos, senhores leiteiros, vendam-nos o seu produto em perfeito estado de limpeza, por favor.

OS SERVIÇOS DE LIMPEZA CAMARARIOS

Em qualquer localidade de apreciável grandeza, a recolha do lixo faz-se todos os dias, quer seja aos domingos, feriados ou dias de semana. Estranhámos, pois, que em Loulé tal serviço se não faça às segundas-feiras.

Dizem-nos que a razão flui-se no facto de dar o descanso semanal a essa classe de trabalhadores. Acharmos justo que tais homens usufruam, como quaisquer outros, o seu dia de repouso, mas parece-nos que a nossa Câmara podia dar esse mesmo descanso aos seus serventuários, sem que a recolha do lixo se deixasse de fazer.

Bastaria que, por escala, um ou dois empregados descansassem às segundas-feiras; outro ou outros dois, às terças-feiras e assim por diante.

E que isto de se guardar em casa os detritos de dois dias causa, parecendo que não, embaraços, aos quais se juntam as decomposições das matérias orgânicas que se operam agora nestes dias de calor, com seu cheiro irritante.

Mário Leppo

FESTA

de 11. Senhora da Piedade

(Continuação da 1.ª página)

anualmente a Loulé, numa romagem grandiosa de fé. De Lagos, Portimão, Faro, Olhão, Tavira, Vila Real de Santo António — de todos os pontos cardiais da província para convergirem aqui.

Este ano mais uma vez os olhanenses demonstraram quanta devoção sentem pela Nossa Senhora da Piedade, pois também este ano a presença de Olhão foi particularmente notada pelo elevado número de camionetas que aqui se deslocaram da ridente vila cubista.

Como não podia deixar de ser, o concelho de Loulé esteve presente em massa. Desde Salir a Alte, desde Querença a Boliqueime, desde Quarteira ao Ameixial, via-se uma representação unânime da serra, do mar e do burgo.

*

Apesar da largueza das suas belas avenidas, praças e ruas, o trânsito em Loulé era extremamente difícil para as centenas de automóveis e dezenas de camionetas que aqui se deslocaram no passado dia 6 de Maio.

Os veículos motorizados eram realmente em elevado número, mas mesmo assim ainda tinha sido possível encontrar vários locais para estacionamento fora do percurso da procissão. Delamentar, portanto, que as autoridades não tivessem providenciado de nesse sentido, evitando-se aborrecimentos e perturbações no ordenamento da procissão.

*

A pregação esteve este ano confiada ao distinto sacerdote Rev. Padre João Roberto Marques, do Porto, que deu 3 conferências diárias, verificando-se em todas, larga assistência.

*

Com a Avenida José da Costa Mealha feérica e vistosamente iluminada, podemos dizer que a parte profana esteve à altura das nossas tradicionais festas. Talvez também por isso a bela Avenida esteve extraordinariamente concorrida durante as 2 noites, tendo sido muito apreciados por numerosos e atento público os concertos das Bandas da Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco (noite de Domingo e tarde de 2.ª Feira) e da Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva (noite de 2.ª Feira).

*

Foi muito apreciado o lindo manto de veludo bordado a ouro, oferecido pela sr.ª D. Odete Virote que se encontra na Venezuela e que foi feito em Lisboa por D. Maria Assunção Segura — e que custou cerca de doze contos.

MALES

do nosso tempo

(Continuação da 1.ª página)

namente o irmos consentindo como se fora já um mal necessário...

E hoje mais difícil que ontem, amanhã talvez mais ainda que hoje, discernir o bem do mal, a verdade da mentira. Quantas vezes não terá cada um de nós chegado a duvidar de si próprio, da sua capacidade de discernimento, do seu próprio senso de justiça!

A verdade torna-se aos poucos mais e mais imponderável, dilui-se cada vez mais na incomensurabilidade da mentira.

Que nos separa, então, do caos, do abismo inevitável?

Queremos aqui render o nosso profundo respeito e admiração, AQUELES que no campo da honra, sob a ameaça cruel dos males que tanto pesam sobre a Humanidade, continuam a pugnar pela Justiça e pela Verdade.

Bessa Monteiro, Abril de 1962

Francisco Bota Ines

VIAJANTE

Firma de Albufeira, preciosa de viajante-distribuidor para vinhos, mercearias, miudezas, etc..

Tratar com VIANCO, Ld.ª — Albufeira — Telef. 113.

CAMURÇAS

Para limpeza de automóveis.

Vende João Martins Rodrigues — Avenida José da Costa Mealha, 41 — LOULÉ

BEBE ÁGUA

das Caldas de Monchique

De mesa e gaseificada

— No estábulo do Refúgio Aboim Ascensão, nasceu o primeiro bezerro obtido no Algarve através da prática da inseminação artificial e a partir de semente dum touro holandês; Assim se concretiza o 1.º acto dum processo reprodutor da mais alta importância para a economia agro-pecuária da nossa provincia.

Notícias pessoais

ANIVERSÁRIOS

Fazem anos em Abril:

Em 28, a menina Aida Maria Ferreira Coelho, residente em Lisboa.

Fazem anos em Maio:

Em 3, a menina Dora Maria Ferreira Coelho, residente em Lisboa.

Em 5, o menino Rui Teodoro Ramalho Viegas.

Em 24, os meninos Sérgio Manuel de Sousa Rodrigues e Elisário Francisco Leal Esteves.

Em 25, o sr. Silvestre Rodrigues Seruca.

Em 26, o sr. Filipe dos Santos Guilherme, residente no Canadá, o menino Luís Filipe Nascimento Caeiro e a menina Branca Luísa Duarte Cavaco.

Em 27, o menino Sebastião Pinto Mendonça Garcia.

Em 28, a menina Maria Teresa Rua Espadinha Galo.

Em 29, a sr.ª D. Maria Otilia Vaz de Barros Vasques, a menina Elísa Elói Trindade, e o sr. Florindo Lourenço da Palma, residentes em Boliqueime e a menina Maria Madalena Guerreiro Marum.

Em 30, o sr. Fernando Maria Domingues Bolotinha e o menino Raúl José Vicente de Brito.

Em 31, o menino João Manuel Belteberricht Rocheta e o sr. Manuel Portela, residente nos E. U. da América e o sr. José Luís das Dores e a sr.ª D. Donald de Sousa Correia.

Fazem anos em Junho:

Em 1, a sr.ª D. Maria José Simões Ramos, residente em Aveiro.

Em 2, as meninas Maria Aida Pinheiro Ramos e Barros e Ivone Maria Albino Guerreiro e o menino Marcelino Guerreiro Sousa e a sr.ª D. Isabel dos Prazeres Sant'Ana Fernandes.

Em 3, a menina Maria Silvia Caracol Castanho e os srs. Adelino Francisco da Silva e Rodrigo Santos Brito e a menina Maria Ascensão Barros Pencarinha.

Em 4, o menino Vítor Manuel Pires Campina, residente na Venezuela.

Em 6, o sr. capitão Norberto Amílcar Sousa Luís Ramos, residente em Angola.

Em 7, a menina Landelina Maria Calado da Piedade e o menino Manuel da Silva Costa e o sr. Manuel Martins dos Santos, residente em Alcaniz.

Em 8, o menino Valdo da Silva Clemente.

PARTIDAS E CHEGADAS

Com curta demora, esteve entre nós, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo e dedicado assinante sr. Dr. Humberto José Pacheco, director da Companhia de Seguros «Ouriques».

Respeitar o TURISTA

(Continuação da 1.ª página)

geiro não é hoje respeitado. Os contratos são quase sempre violados, as cifras são diferentes do que se combinou de início. O sr. patrão por gentilezas ou avarerza arranja uma taxa ultrar, queixa-se que os géneros mudaram de tabelas e que as taxas turísticas estão elevadíssimas. Não é acção de louvar essa de combinar X e no fim da temporada pedir X+Y. Não estamos de acordo com esta canção de péssimo negociante e propagandista da nossa hospitalidade. Sabemos que na época balnear e nas zonas de movimentação os géneros atingem bom valor pois do consumo de momento se aproveitam agricultores, revendedores e as casas abastecedoras. Sabemos que turismo não é só patasagem, mar e sol, que é também fonte de riqueza, mas não de charlatanismo. Para neutralizar esta família ou tribu que usa por escudo a gaveta — era talvez bom criar-se brigadas de controle turístico. E que não é só construir aeroportos, ostentar hotéis, requisitar banheiros e equipar salva-vidas; é também urgente educar os servidores do turismo, os soldados do turismo, para bem servir o turista, seja ele um cavalheiro que retirou uma fatia da sua fortuna para gozar as delícias da nossa terra, ou um modesto funcionário que ao longo do ano ornamentou o seu mealhinho na vontade de dar aos seus filhos e a sua família aquele prazer que é abandonarmo-nos e vivermos um ou dois meses bebendo sol, alegria e saúde.

Aqui fica a primeira pedra para a limpeza do caso, e em abono de verdade, vale a pena porque está em perigo a nossa hospitalidade e a lealdade da casa portuguesa.

Helder Martins da Cruz

Tivemos o prazer de cumprimentar em Loulé o nosso prezado amigo e hábil artista sr. Manuel Lopes, que se deslocou a Quarteira para proceder a trabalhos de decoração na nova «Pensão Residencial Triângulo».

Com sua esposa, sr.ª D. Maria Gabriela Almeida Froufe, esteve neste redacção o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Joaquim Gala Froufe, residente em Lisboa.

Deslocou-se há dias a Lisboa, o nosso prezado amigo sr. António Luís Laginha Ramos, sócio da firma Motolux, Ld.ª.

CASAMENTO

No passado dia 28 de Abril realizou-se na Igreja paroquial de Nossa Senhora de Fátima em Lisboa, o enlace matrimonial da sr.ª Dr.ª D. Maria Inês Correia Gonçalves, Assistente na Faculdade de Ciências em Lisboa, filha da sr.ª D. Adelina da Conceição Correia Gonçalves e do sr. José Pereira Gonçalves, com o nosso prezado conterrâneo e amigo e dedicado assinante em Lisboa, sr. Dr. Noémio Macias Marques, Professor na Escola Naval, filho da sr.ª D. Maria da Madre de Deus Macias Marques e do sr. Bartolomeu Rodrigues Marques, ambos falecidos.

Foram padrinhos por parte da noiva seus pais e por parte do noivo seus tios, sr.ª D. Maria das Dores Macias Garcia e o nosso estimado amigo sr. Bartolomeu Garcia Rodrigues.

Presidiu à cerimónia o Rev. Padre Queiroz que pronunciou uma brilhante alocução e celebrou a missa.

No final, os pais da noiva ofereceram aos convidados um finíssimo copo de água no «Restaurante Castanheira de Moura».

Ao novo casal endereçamos os nossos parabéns e os nossos melhores votos de felicidade conjugal.

Os melhores Cecidos
Os mais finos padrões
Encontrar V. Ex.ª na
CASA MIMOSA
Rua 5 de Outubro
LOULÉ

O cemitério DE LOULÉ

Sabemos que o problema já tem sido ventilado, estudado e até aprovado. Mas também sabemos que ainda não está resolvido e por isso vimos lembrar a urgência de se lhe dar adequada solução.

Trata-se do problema de uma capela que há anos se projecta construir no Cemitério de Loulé e cuja falta nos parece desnecessário accentuar pois ela é constantemente notada por quem se desloca àquele local.

Estamos absolutamente convencidos que só as dificuldades financeiras da nossa Câmara a têm impedido de concretizar esse tão necessário melhoramento mas confiamos em que o assunto não seja esquecido e se lhe dê adequada solução tão cedo quanto possível. Outrotanto, porém, não acontecerá com a construção de uma capela que possa ser utilizada para o transporte dos caixões desde a entrada do Cemitério ao local de enterramento.

A Câmara tem oficinas e pessoal habilitado para esse género de trabalhos e com pouco dispêndio poderia mandar fazer um veículo que facilitasse o percurso dentro do Cemitério de pesados caixões de chumbo que presentemente estão sendo transportados até ali por um moderno auto-fúnebre.

Aqui deixamos o alvitre para que o assunto seja ponderado e resolvido por quem possa fazê-lo.

MOTORISTA

Com carta de pesados.

Precisa João de Sousa Murta — Telef 167 LOULÉ.

Trespasa-se ou Arrenda-se TEMPORARIAMENTE

Um café em Albufeira, próximo do Tunel.

Tratar com VIANCO, Ld.ª — Telef. 113 — Albufeira.

Empresa de Viação Algarve, L.ª -- FARO

Horário da carreira de passageiros, entre Cacilhas-Faro

com o aumento de um HORÁRIO RÁPIDO a partir de 1 de Junho de 1962

8,20	13,40	Cacilhas	18,40	20,05
9,22	14,42	Setúbal	17,40	19,05
9,52	15,12	A. Moura	17,08	18,33
10,44	16,03	Alcácer	16,18	17,43
11,33	16,50	Torralva	15,30	16,55
13,17 (a)	17,37 (a)	Ferreira	14,44 (a)	16,10 (a)
13,34	17,52	Ervidel	13,41 (a)	15,53
13,58	18,16	Aljustrel	13,16	15,30
14,33	18,51	C. Verde	12,41	14,55
15,06	19,24	Almodovar	12,08	14,22
15,47	19,58	Ameixial	11,26	13,47
16,33 (b)	20,34 (b)	E. Velho	10,45 (b)	13,12 (b)
17,15	21,05	S. Brás	10,06	12,42
17,45 (c)	21,30	Faro	9,30 (c)	12,15 (c)

Effectuam-se diariamente

(a) ligação com Beja, etc.

(b) ligação com Loulé, etc.

(c) ligação com Olhão, etc.

Trânsito na Vila

Causaria enorme satisfação a notícia de que se estaria a tratar da regulamentação do trânsito nas ruas da vila. Efectivamente, isso seria, sob todos os aspectos, louvável.

Se a notícia se concretizasse, dignas seriam de louvor as entidades que se propusessem alcançar tão assinalado benefício para os moradores deste burgo. Seriam também, por certo, devidamente atendidos e acautelados os direitos e os interesses daqueles que necessitam de se auto-transportar para cumprir os seus afazeres.

Uma regulamentação adaptada às condições e necessidades locais, é o que, sem dúvida, melhor quadra à solução do problema.

Aproveitamos, já agora, o ensejo para agradecer aos nossos amáveis leitores o interesse manifestado pelo que aqui temos escrito (de que algum benefício já tem resultado como se verifica nalguma moderação do trânsito), que mais não é do que um modesto contributo para a solução de um problema que está a preocupar seriamente muitos dos habitantes desta terra.

Sabemos também que levantou reparos a afirmação que fizemos de que os peões têm direitos incontestáveis de preferência, pois as ruas foram-lhes destinadas e não aos meios de locomoção automóvel. Se meditarmos uns

momentos veremos que assim é, porquanto inicialmente as ruas não tinham passeios por onde circulassem os peões, e só mais tarde a algumas delas eles foram adaptados, e noutras nem isso se pôde fazer, por a sua largura o não permitir, sendo hoje ainda a mesma via utilizada por uns e outros.

Julgamos estar na boa doutrina sustentando que as ruas foram destinadas inicialmente, apenas, aos peões, e, só por imposição do progresso, elas se foram transformando em vias mistas, o que requer portanto uma regulamentação acertada, que respeite os naturais direitos dos utentes da via pública.

Por isso clamamos por uma regulamentação equitativa e justa, de maneira a que sejam respeitados os legítimos direitos de todos.

Que necessidade há de velocidades desmedidas nas ruas que têm de ser ao mesmo tempo utilizadas por pessoas circulando a pé? Porque se não há-de fixar a velocidade máxima da circulação automóvel, ciclista e motociclista incluída, nas ruas da vila e estabelecer os locais de estacionamento? Porque se não há-de fixar a abolição do escape livre nas ruas da vila?

É isso tão necessário como urgente, para dar à nossa terra uma sensação de sossego e tranquilidade a que de há muito anda desabituada, com grave prejuízo para a saúde e bem estar dos seus habitantes.

Pode alguém dormir descansada em suas casas, adquirir o necessário repouso para um dia seguinte de indispensável e extenuante trabalho? Porque se não há-de proibir a circulação de transportes barulhentos a partir de determinadas horas da noite?

Julgamos serem estes os pontos mais importantes a regular. Outros haverá, mas não invalidam os que apontamos e que certamente serão considerados no regulamento que pode estar em gestação.

Um louletano

Dicionário de Sinónimos da Língua Portuguesa

A mais moderna e completa obra de sinónimia publicada em Portugal, de apresentação magnífica, bem impressa, com cerca de 1.000 páginas. Muito útil a advogados, escritores, jornalistas, professores, estudantes, etc.

A venda em seis fascículos de mais de 160 páginas ao preço de Esc. 25\$00 cada um, ou completo e encadernado em pergaminho, por Esc. 165\$00.

Compilação de Tertúlia Edípica Sociedade Literária Charadística, fundada em 1922.

Envia-se à cobrança para qualquer parte do País ou das Ilhas. Pedidos a Tertúlia Edípica, Rua de Arroios, 11, r/c — Lisboa, 1.

Associação de Assistência à MENDICIDADE

Conta de gerência de 1961:

RECEITA

Saldo do ano anterior, 1.793\$30;
Cobrança de cotas, 50.930\$50;
Subsídio do Instituto de Assistência à Família, 13.374\$00; Idem do Governo Civil de Faro, 6.000\$;
Idem da Câmara Municipal de Loulé, 12.000\$00; Idem do Fundo do Socorro Social, 20.000\$00;
Donativos de particulares em numerário, 995\$00;
Total, 105.092\$80.

DESPESA

Compra de mercearias, 59.560\$90; Idem de Pão, 25.502\$10; Idem de lenha, 9.877\$;
Idem de Hortalças, 624\$70; Reparação de utensílios e aquisição de impressos, 410\$80; Gratificação ao Cozinheiro, 3.600\$00; Commissão ao Cobrador, 3.976\$90;
Total, 103.342\$40.
Saldo para o ano seguinte, 1.750\$40; Total, 105.092\$80.

Ao tornar públicas as contas de gerência do ano findo, julgamos poder afirmar que a nossa Associação vai singrando, cumprindo o melhor que lhe é possível a missão altruista que se impôs, de evitar a triste exposição da mendicidade pelas portas e lugares públicos da vila.

Era tristíssimo e confrangedor tal aspecto da caridade da nossa vila, onde as pessoas generosas não tinham outro meio de distribuir o seu óbolo, nem podiam evitar tal espectáculo que nos envergonhava, e inferiorizava a nossa terra.

Felizmente as pessoas dadas desta vila resolveram cotizar-se e distribuir recatadamente e cristamente, dando com uma das mãos sem que a outra o saiba, sem exteriorizar validade no dar auxílio ao seu semelhante, apoucando-o cruelmente com o acto da dádiva directa que coloca sempre, nestes casos, em situação humilhante quem recebe, e assim, surgiu há 8 anos, que se perfazem no dia 21 do corrente, a Associação que abnegadamente, discretamente, vai distribuindo alimentação, às vezes agasalhos, e refeições melhoradas em datas festivas, para que a mendicidade da nossa terra tenha o carinho e o conforto que pela sua desdita merece, sem que tenha de andar diariamente a palmilhar todas as ruas da vila.

O esforço tem sido francamente árduo e persistente, e, mereceu uma cotização que constitui o orgulho da nossa terra, do auxílio das entidades oficiais e

particulares e generosa ajuda de pessoas daquelas naturais, que residem fora, algumas até no estrangeiro e até aprisionadas na nossa infeliz Índia, temos conseguido os resultados palpáveis que já atingimos — o desábito de se lançarem na pedincha aqueles que podem trabalhar. Julgamos ter alcançado assim uma grande vitória social e humana.

Embora a fadiga já nos atinja, continuaremos, mas pedimos ajuda de quem, mais folgadamente, o possa fazer. Agradecemos.

A Direcção

LUTO no Ciclismo ALGARVIO

Com a morte do jovem ciclista iniciado — João de Jesus Martins, do Glnásio Clube de Tavira, encontra-se de luto a velodromia do Algarve! A morte do infeliz estradista, que contava apenas 18 anos e fazia a sua primeira época oficial, ocorreu no domingo, dia 13, quando disputava a 3.ª e última prova do Campeonato Distrital de Inicial, corrida no sistema de contra-relógio. A 1 Km da meta e ao fazer a difícil e perigosa curva do Rio Seco (perto de Faro), o ciclista fez a mesma pela esquerda, indo embater violentamente num automóvel que se deslocava em sentido contrário. Da choque resultou fractura do crânio e a morte imediata do ciclista taviense, que conduzido ao Hospital da Misericórdia de Faro, transitou para a Casa Mortuária.

João de Jesus Martins, nascera na freguesia de St.ª Maria, em Tavira e era filho do sr. Manuel Martins e da sr.ª D. Custódia de Jesus.

No seu funeral, que se realizou em auto-fúnebre, de Faro para a sua terra natal, incorporaram-se dirigentes da Associação de Ciclismo de Faro, do Louletano Desportos Clube e do Glnásio Clube de Tavira, bem como ciclistas das duas agremiações desportivas, que nas suas máquinas, acompanharam fazendo a guarda de honra, o corpo do seu desditoso companheiro e adversário, num significativo gesto de amizade e desportivismo.

Morreu um jovem, quando se lançou na conquista dum lugar entre os maiores do popular desporto. Morreu na idade, em que os sonhos nos dominam e nos impulsionam, envergando a camisola do seu clube e encontrando a morte no campo de batalha, de glória e de tragédia de todo o ciclista — a estrada!

João Leal

Visado pela Com. de Censura

Deseja Vestir o seus filhos COM BOM GOSTO? Visite a Casa Mimosa Rua 5 de Outubro LOULÉ

Agradecimento

JOSÉ DA COSTA GUERREIRO

Sua mulher, irmã, cunhados e sobrinhos, agradecem publicamente todas as manifestações de estima e de saudade que lhes têm sido dirigidas em memória do saudoso extinto, bem como às pessoas que as acompanharam no seu luto e a quem, por dificuldade de endereços, não é possível agradecer directamente.

José Guerreiro Neto & Filho, L.ª

Rua P.ª António Vieira — LOULÉ — Telefones 283 e 359

REVENDEDORES OFICIAIS DE TODAS AS MARCAS DE AZULEJOS

Depositários das Louças Sanitárias SACAVÉM, da Fábrica de Louças Sacavém Madeiras prensadas APARITE e contraplacados — Agentes das Tintas ROBBIALAC

Impermeabilizações com FLINTKOTE, de colaboração com os serviços especializados da SHELL

ESTORES de Madeira, Metálicos e Plásticos: FREMA

Tubos e Acessórios Galvanizados — Banheiras em aço esmaltado MINCHIN

Tubos em Plástico para esgotos — Ladrilhos em Plástico para Pavimentos marca DELIFLEX

E muitos outros materiais respeitantes à construção civil, que mantemos em Armazém